



A MAÇÃ

DIRECTOR :

CONSELHEIRO X. X.

ANNO V
Num. 254

RIO DE JANEIRO
18 DE DEZEMBRO
DE 1926

GAMEIRO

— Homem... Cosa que requer
Toda a paciência de Christo ...



E dizer-se que a mulher
Não pôde viver sem isto !...

Acaba de apparecer
O Arco de Esopo

10.^o volume dos famosos contos

do

Conselheiro X. X.

Referentes ao anno de 1925

Pedidos á

= Livraria Leite Ribeiro =

FREITAS BASTOS, SPICER & Cia.

Rua 13 de Maio, 74 e 76

RIO DE JANEIRO

EXPEDIENTE

"A MAÇÃ"

Semanario Illustrado. — Director: Conselheiro X. X

Proprietario: Idacó F. Cunha.

Administração: Rua Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19
(Livraria Leite Ribeiro)

Redacção: Rua do Passeio, 78 — Telephone Central 1862

Officinas: Rua Paulo de Frontin, 103 — Rio de Janeiro — Brasil

ASSIGNATURA E VENDA AVULSA

Estados:	Capital:
Anno 30\$000	Numero avulso 5\$00
Anno (sob registro) ... 50\$000	Atrazado 6\$00
Numero avulso 6\$00	Idem, sob registro mais. 6\$00

PARA O EXTERIOR

Porte simples:	Registrado:
Anno 50\$000	Anno 60\$000
Semestre 30\$000	Semestre 35\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couché	Em papel asstetizado
1 pagina 250\$000	1 pagina 200\$000
1/2 " 130\$000	1/2 " 110\$000
1/4 " 70\$000	1/4 " 60\$000
Capa anterior — (cores) .. 450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000
Contra capa, 1a. e 2a. a 350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao seu proprietario,
Idacó F. Cunha.

FALLENCIA DE UMA FIRMA IMPORTANTE

Após ter causado grandes prejuizo a
muit conhecida firma Rins, Bexiga, Prost-
tite & Cia., doença collectiva por açoes do
portador, está condemnada a desaparecer
de circulação desde que seja atacada no fôro
intimo pelo admiravel curador que se chama
BLENOL e se encontra em todas as boas
pharmacias e drogarias.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44.



BIOTONICO
FONTOURA
O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE
— DE —
EXTRAORDINARIA EFFICACIA
— PARA —
AMBOS OS SEXOS
— E —
TODAS AS EDADES
(Vende-se em todas as Pharmacias e Drogarias)



SYPHILIS !!!

ABORTOS ! CHAGAS ! INVALIDEZ !

RHEUMATISMO ! ECZEMAS !

DOENÇAS DA PELLE !

UM HORROR !!!

TENHA PENA DOS SEUS FILHOS

Grande numero de homens casados que em solteiros adquiriram doenças secretas, ficarão com ellas chronicas. Eis a razão porque milhares de senhoras soffrem sem saber a que attribuir a causa. Nestes casoso Elixir 914 dá sempre resultados.

COM O USO DO

SANGUINOL

(FORMULA ALLEMÃ)

DÁ SANGUE-CARNE-SAÚDE

ELIXIR E COMPRIMIDOS

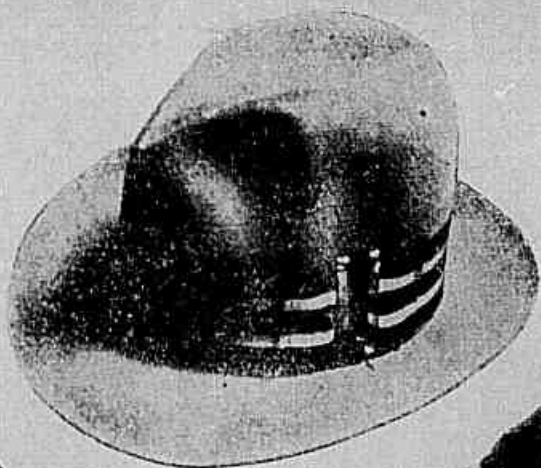
No fim de poucos dias nota-se :

- 1º — O sangue limpo de impurezas e bem estar geral.
 - 2º — Desapparecimento de espinhas; Eczemas, erupções. Furuncullos, coceiras. Feridaa bravas. Boubas. etc.
 - 3º — Desapparecimento completo do RHEUMATISMO, dôres nos ossos e dôres de cabeça.
 - 4º — Desapparecimento das manifestações syphiliticas e de todos os incomodos de fundo syphilitico.
 - 5º — O apparelho gastro-intestinal perfeito, pois o "ELIXIR 914" não ataca o estomago e não contem iodureto.
- E' o unico Depurativo que tem attestados dos Hospitaes, de especialistas dos Olhos e da Dyspepsia Syphilitica.
- Licenciado pelo D. N. de S. P., em 21 de Fevereiro de 1916, sob o n. 26.
- NOTA: — Enviaremos GRATIS um livrinho scientifico sobre a syphilis e doenças do sangue, a toda a pessoa que o desejar.

Pedidos a GALVÃO & Cia — Caixa 2 C — S. PAULO



50\$ marron
e preto



30\$ modelo
Príncipe de
Galles



55\$ phantasia
em diferentes
côres



Nova casa especial em calçados e chapéus finos

A que por preços menores offerece seus artigos

Elegantes Modelos

Ultimas Novidades

142, RUA URUGUAYANA, 142

A Torre Eiffel

ARTIGOS FINOS PARA
HOMENS E MENINOS

ALFAIATARIA DE 1.ª ORDEM

"MALAS ARMARIO" E TODOS OS
ARTIGOS NECESSARIOS
PARA VIAGEM

FARDAS E ENXOVAES PARA
TODOS OS COLLEGIOS

(EXECUTAM-SE COM A
MAXIMA BREVIDADE)

97, Rua do Ouvidor, 99

De mais talento precisa a mulher para ter
só um amante, que para não ter nenhum.

MAD. DE RIEUX

X

"Senhor, — dizia um dia Mad. de Tencin ao
joven conde de Hervigny, seu protegido — pro-
curae mais amigas do que amigos, porque por
meio das mulheres, faz-se tudo o que se quer
dos homens.

X

As mulheres amam melhor, e ao menos com
maior ternura, os seus antigos amigos que os
jovens amantes. Enganam algumas vezes o
amante, mas nunca o amigo: é para ellas um
ente sagrado.

MERCIER

X

Sempre tem que perder a mulher que faz
amante seu marido, mas muito que ganhar a
que faz amigo o seu amante.

MAD. DE PUISEUX

A MODA

A saia deve ser de pennas. As de tucano e
papagaio são preferiveis. Amarram-se á cintu-
ra e não devem ter mais de um palmo de com-
primento. Ao pescoço um collar de coquinhos
de tucumã e na cabeça, como toucado, um dia-
dema de pennas de arara.

X

Olha, — dizia uma mulher pouco chistã ao
amante, — se eu tivesse podido amar sem vê-
teria amado a Deus.

RIVEROL

A Saude do Homem

Approvada pela Directoria Geral de Saude Publica em 14 de Novembro de 1918 sob o Numero 709

Novo medicamento reconstituente, que actua directamente produzindo uma renovação energica, um rejuvenescimento dos nervos. O unico que cura a impotencia. E' o paraizo dos velhos porque faz reaparecer em pouco tempo, a força mais preciosa que o homem perde pelo prolongamento da idade ou por outras causas, sem causar damno á saude. —:— —:— —:— —:— —:—

Unico fabricante: Antonio Guilherme & Filho — Pharmaceuticos e Drogistas
BREJO — MARANHÃO

Vende-se em todas as Drogarias e boas Pharmacias

Representantes no Rio: SCHALLING, WILLER & CIA. LTDA. — RUA PRIMEIRO DE MARÇO N. 4

— Parece-me, cavalheiro, que o senhor andou espalhando por ahi que eu pertenco a meio mundo.

— Pelo contrario, madame; o que eu tenho dito é que a senhora pertence ao mundo inteiro!

Madame Frivolidade possui sempre um "flirt" ou uma ligação. E conta a uma amiga.

— Ah, minha querida, eu aqui sou assim: quando tenho qualquer coisa, conto logo a meu marido.

— O melhor processo é esse: pegar o touro pelos chifres!

NEURASTHENIA
Contra todas as manifestações
Neuro-Sôro
Silva Araujo
BASE: Glycerophosphato de Sodio
e Strychnina - Cocodylato.



**AS CRIANÇAS
DE PEITO**
(DUAS MÃES OU MAIS SE TORIFICAM COM O
VINHO BIOGENICO
DE GIFFONI
AUMENTAM DE PESO E FICAM BELLAS
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.
À VENDA NOS DOIS PHARMACIAS E DROGARIAS.
DEPOSITO:
DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C^o
RUA 1.^a DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO
LOC. ALUG. PUBLICO Nº 409 DE 10-9-26 (PARECE BOM TRABAHO)

— PETROL —

Perfuma, ondula, amacia e conserva o cabelo

Deposito: Pharmacia e Drogaria Giffoni - 1.^o DE MARÇO, 17

5

Cheio de Vigor!

Dexai de queixar-vos porque já não gozais do vigor nem da vitalidade de vossos primeiros dias. Comprai na botica mais proxima uma garrafa do SORET genuino—porém não acceteis nenhuma substituição—e até o homem mais esgotado realizará depois de breve tempo, seus efeitos vigorantes e estimulantes. Não importa se sois velho ou moço, nem a maneira como tenhais perdido vossa força, porque o SORET tornará a collocar-vos no caminho de vossa prompta recuperação fazendo de vós um homem em todo o sentido da palavra. O SORET tem já ajudado a milhares e não deixará de ajudar-vos também da mesma maneira.

O EXAME DE GEOGRAPHIA por Romualdo Tavora

O Zezinho era um pequeno vadio de mais.

Só vivia para a pandega, para a rua, onde em companhia de outros de sua idade, passava os dias empinando "papagaios" ou jogando a "bolinha". Apesar de já ter quinze annos, o pae, um homem gordo, baixo, commerciante abastado da rua da Alfandega, não via no filho desabrocharem as suas previsões quanto ao empenho do pequeno de viver para o estudo. Effectivamente, annos atraz, o Zezinho demonstrava uma inclinação, admiravel para os livros e jornaes. Quando o pae, á tardinha, voltava do trabalho, a primeira pessoa que lhe ia ao encontro, mal o avistava saltar do bonde, na esquina, era o Zezinho, intanguido nos seus oito annos, a arrancar-lhe das mãos os jornaes do dia. E emquanto o outro ficava lá por dentro, despindo-se para vir jantar, o pirralho não largava a leitura, lendo tudo com avidez, ás vezes, soletrando, quando eram palavras difficeis.

O jantar vinha para a mesa e o Zezinho tomando a sopa, continuava a lêr. Muitas vezes a mãe zangava-se.

— Janta primeiro, menino: depois você lê. Que diabo de mania esta!

O pae, porém, intervia logo.

— Que é que tem. Deixal-o lá: assim é que o quero, para ser doutor mais tarde. Esta vida de commercio não serve para quem dá mostras

de tanta curiosidade intelligente.

Mas o certo é que o garoto com o tempo se foi modificando. Agora os jornaes lhe desagradavam. Desagradavam-lhe também os livros.

Soffria quando, após o jantar, o pae o chamava para junto de si, e abria-lhe deante dos olhos o compendio de geographia. Tinha preguiça de andar com o dedo sobre o mappa, procurando cidades, villas, capitaes, ou, então, seguindo o curso dos rios e os seus affluents notaveis. E que luta para descobrir toda essa trapalhada.

O dia do exame, porém, bateu á porta, e o pequeno pouco ou quasi nada sabia da materia. Mas foi. Na vez de ser chamado metheu a mão na urna, tirou um entrancado de papel e o entregou ao examinador, que leu, logo, alto:

— Italia! Diga-me a capital da Italia...

Zezinho ficou pensando.

— A capital da Italia, menino, continuou o mestre.

E ajudando-o, paternalmente:

— A cidade onde está o Vaticano; a cidade eterna.

Zezinho buscava-a, em vão.

— Vá mostral-a alli no mappa. Olhe: é facil: As capitaes teem a roda maior e um ponto negro no centro.

Zezinho levou, sem demora, o dedo a um ponto negro do mappa, e gritou, entusiasmado:

— Nápoles!...

R O M U A L D O T A V O R A

Potins...

O bi-centenario

A conhecida mudana, cujo luxo procede quasi todo da bolsa de um sisudo senador e comrciante, tem uma vida de aventuras que parece mais um "film" do que um romance. Uma destas tardes, á entrada do Alvear, fez ella parar de subito uma antiga companheira.

— Ah! Andava doida para ver-te! Aparece amanhã lá em casa para festejarmos o meio centenario.

— Meio centenario de que? D' "elle"? Elle só tem cincoenta annos?

E o formoso diabrete:

— Não, filha, E' que eu completei cincoenta amantes, depois que estou com elle!...

Arte de "receber"

O dr. Elisio do Couto, medico da Policia, tem examinado tanta lingua de defunto, que até a d'elle está perigosa. Uma tarde destas, conversava-se numa roda "chic" sobre uma linda senhora, "alma de artista", quando alguém, desejando travar relações de sociedade, observou:

— Acho-a encantadora... Em que dia ella recebe?

— Em qualquer dia, — informou, logo, o illustre medico policial. — Mas eu tenho que lhe avisar uma cousa.

E perverso:

— Ella não "recebe"... menos de quinhentos mil réis!...

Os braços de... Venus

Elle é um bello rapagão, moreno, grande, vistoso e, por cima de tudo, ou por baixo de tudo, formado. Não pode ver senhora sosinha na rua, que não mude de caminho, para acompanhá-la. Esse systema tem lhe custado algumas decepções mas lhe tem valido, tambem, conquistas soberbas.

O que mais espanta nelle é, no entanto, a ignorancia. Um d'estes dias regressava o brutamontes de uma das suas aventuras, quando, ao encontrar-se com um grupo de amigos, se gabou:

— Ah, pessoal, vocês nem sabem de onde venho agora!

E radiante de... estupidez:

— Acabo de sahir agora mesmo dos braços de uma verdadeira Venus de Milo!...

Sonhos...

Madame tem esposo, mas é figura indigna do seu meio. Vive em Copacabana mas tem um

coração digno... da rua Pinto de Azevedo. E era ella que confessava a uma das suas amigas:

— Imagina tu, minha filha, que eu sonhei, não sei como, que não enganava mais meu marido!

A amiga tratou, porém, de tranquillizá-la:

— Ah, filha, isso não tem importancia.

E como quem conhece a sua gente:

— Isso só podia ser sonho...

Decepção

Filha de pae illustre, aquella pequena é um diabrete. A paixão pelos "sports" e a intimidade dos "sportmen", tiraram-lhe, pode-se dizer, toda a sensibilidade feminina. E' um rapaz entre os rapazes, um garoto entre os garotos.

Não obstante isso, desperta paixões, das quaes a mais forte foi a que accendeu em um medico bonito, joven, e de educação antiga, o qual, conseguida uma approximação, confessou:

CONSIDERO O PRIMEIRO!

diz o illustre Dr. Carlos Lopes.



Attesto que temos empregado em minha clinica o conhecido ELIXIR DE NOGUEIRA, do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, em todos os casos de manifestações syphiliticas; os seus effeitos não se fazem esperar, ainda mesma nas phases mais adiantadas, e considero-o, portanto, como o primeiro depurativo.

Bahia, 5 de Março de 1916.

Dr. Carlos Lopes.

— A senhorita não imagina ha quanto tempo eu esperava esta occasião... Andava louco para lançar o meu coração aos seus pés...

— Mau, mau! fez a rapariga, rindo — Se o senhor tem de fazer isso, faça devagar.

E numa gargalhada feliz:

— Não me toque... nos callos!...

Cysne

Ella chama-se Leda. E' bonita, forte, vistosa. Elle, que é um "pirata" de marca, vinha a perseguil-a ha muito tempo. Até que, um d'estes dias, na rua mesmo, numa "atracação" audaciosa, indagou:

— Leda, meu bem, diga-me uma cousa:

E antes que ella respondesse:

— Quando é que eu "banco" o cysne?

De Prazer De

DE TUDO

ROSAN

SENHORAS OU MOÇAS, HOMENS OU RAPAZES
PELLE NÃO Ó

É UMA LEMBRANÇA TÃO UTIL QUANTO DELICADA
ESCOLHEI UMA COLLECÇÃO COMPLETA DO

COUPON DE EXPERIENCIA

Para que possa experimentar a qualidade
e os 6 diferentes perfumes dos sabonetes OBLI-
VAN e ROSAN, remetto-lhes a quantia de 12\$500
em carta com valor declarado.

Nome

Logar

Estado



de Saúde De Bem Estar

DOSSO COM OS SABONETES

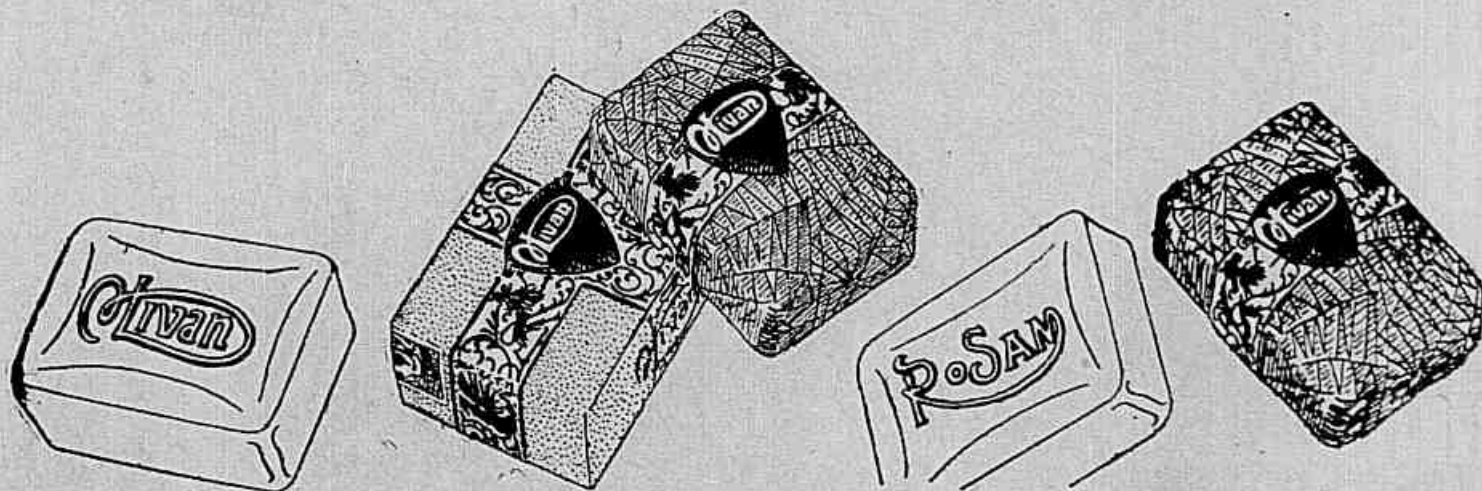
de OLIVAN

ES TODOS TERÃO UM SORRISO DE SATISFAÇÃO PORQUE ELLES SABEM QUE A
AÇÓDE TER UM AMIGO MAIS SINCERO.

DUE CUSTA TÃO POUCO, PODENDO SER OFFERECIDA MESMO COM OUTROS PRESENTES
O EIS PERFUMES ORIGINAES E OBSERVAI O PRAZER DE QUEM A RECEBE.

Si o vosso fornecedor habitual não vender ainda os sabonetes OLIVAN e ROSAN, pelo telephone B. M. 170 informaremos aonde os mesmos serão encontrados, além das seguintes casas: Perf. Avenida—Bazin—Lambert—Cirio—Garrafa Grande—Cooperativa Militar—Drogaria Ribeiro Menezes—Araujo Freitas e em todas as perfumarias, armarinhos e farmacias.

LABORATORIO OLIVEIRA JUNIOR
Rua Dois de Dezembro, 77 — RIO DE JANEIRO



A Saude da Mulher

As Senhoras têm, muitas vezes, a vida atormentada por males, cuja causa ignoram. São palpitações, vertigens, zoadas nos ouvidos, náuseas, falta de appetite, dores de cabeça, dores no corpo, depauperamento geral, desanimo. A origem d'estes sofrimentos, é quasi sempre o máo funcionamento dos órgãos femeninos. Urge, em taes casos, o emprego d'um medicamento energico, que actue directamente sobre os órgãos enfermos.

O REMEDIO QUE AS SENHORAS DEVEM PREFERIR

Não é difficil, porém, uma senhora escolher o remedio que mais lhe possa convir: — o numero copioso de pessoas curadas, a opinião de illustres medicos brasileiros proclamam que "A Saude da Mulher" é o melhor remedio para incommodos de senhoras porque, como nenhum outro, acalma e regularisa as funcções uterinas.

ORESTES
ACQUARO



• A M A C •

Director: Conselheiro XX

ANNO V ■ N. 254

RIO DE JANEIRO, 18 DE DEZEMBRO DE 1926

A BARBA

Ao penetrar na residência modesta, mas elegantemente posta, do Raymundo Baptista, o conhecido barbeiro de Botafogo, o dr. Artaxerxes Medrado sabia, já, o motivo do chamado. A última vez que Dona Elisa lhe apparecera no consultorio, elle desconfiara, logo, pelos symptomas accusados, que se tratava de uma hernia; e eis que, de repente, recebia um pedido urgente do marido da moça para que alli comparecesse, e isso com a noticia de que a sua cliente se achava sob dores horriveis, que não a deixavam, sequer, respirar.

Introduzido no aposento da enferma, cujos lamentos cortavam o coração, o illustre clinico pediu que todos se retirassem, com exclusão do dono da casa e, ao primeiro exame, verificou, logo, a confirmação da sua suspeita.

— E', mesmo, hernia estrangulada... — declarou, olhos fechados, com a mão mergulhada sob o camisão de morim que cobria a doente. Mas tranquillizou:

— Não é cousa de importância... A questão é que seja operada dentro de vinte e quatro horas. Por isso, eu acho bom providenciar sobre a sua remoção, logo ao amanhecer, para uma Casa de Saude.

— E eu morro, doutor? — chorou a moça, entre dois gemidos dilacerantes.

— Não, senhora! — acalmou o famoso facultativo, — Que morre, nada!...

No compartimento annexo, onde fôra redigir uma receita provisoria, o dr. Medrado chamou á parte o rapaz.

— Sr. Baptista, — disse-lhe; — a operação não tem, mesmo, importancia. E' uma questão de antiseptia, de limpeza de hygiene. Um dos pontos capitaes, nesse caso, é que o logar e as proximidades da incisão se achem completamente livres de pellos; e eu notei que a sua senhora tem o corpo todo nas condições dos braços: cobertos de uma camada pillosa, que precisa desaparecer.

E suavizando o assumpto, com um sorriso:

— As mulheres acham muito bonito ter um braço cabelludo; nessas occasiões, porém, é que se vêem os inconvenientes d'esse predicado!

— O senhor acha então, doutor, que... — aventurou o marido.

— Acho, sim; acho que o senhor mesmo pode limpar a região em que vae ser feita a incisão. E' cousa simples e, para o senhor, que é barbeiro, ainda mais.

Despedido o medico, tratou o Baptista, logo, de cumprir as ordens recebidas. Foi buscar sabão, pincel, navalha, e, uma vez tudo em condições, e de ensaboar a esposa no baixo ventre, iniciou, paciente, a tarefa. Depillou da direita, de pillou da esquerda, depillou no meio, com uma perfeição inexcédível. Ao chegar, porém, a certa altura, vendo que a navalha não podia alcançar certos pontos, pediu:

— Marina? Minha filha?

A esposa virou para o seu lado os olhos semi-mortos.

E elle, delicado:

— Incha a bochecha: sim?

CONSELHEIRO XX

o Buraco por Giovanni Morelli

A pequena igreja de Nossa Senhora da Paciencia ficava num alto, dominando completamente a cidade. E por isso mesmo, naquellas regiões serranas, a 1.000 metros acima do nível do mar, era preciso coragem para, durante o inverno, ir à missa naquellas alturas. Felizmente, chegado ao cimo do outeiro, o crente encontrava o abrigo do templo, que o resguardava do frio e da ventania.

Naquelle dominico faltava, porém, esse refugio aos penitentes. Por maldade ou por inadvertencia, um menino, com uma pedra, quebrara um dos vidros da janella, e com tanta infelicidade que fora do lado exactamente, de onde costumava soprar a tempestade.

Ao penetrar no templo, nessa manhã, padre Liborio dera, logo, com o prejuizo. Que podia fazer, porém, se era domingo, o commercio estava fechado e não encontraria um operario aquella hora para o serviço? O melhor era, pois, dizer a missa, affrontando a rajada que por alli entrava, sacodindo as flores nos vasos e voltando, num sópro, as folhas do missal.

Meia-hora depois, iniciada a solemni-dade, e com o acto em meio, começou o vento a soprar mais rijamente. Enveredando, fino, pelo quadrado sem vidro, a rajada en-

regelava as mãos de padre Liborio, espalhando-se, em seguida, mais branda, pelo templo todo.

Terminada a missa, o bondoso sacerdote deu principio a seu sermão, naquella voz doce, molle, descançada, que era tão sua. E não tinha proferido vinte palavras, quando viu em baixo,

nas primeiras filas de fieis, mais um reboliço, como de arbustos remexidos pelo redemoinho. Eram os devotos que, mais uma vez, faziam um signal de protesto contra a velha Maria dos Anjos, a qual, sem a menor cerimonia, dava liberdade a uma pequena dose de ar encarcerado, ás vezes com ruido, ás vezes sem elle, mas sempre com um cheiro insupportavel.

— E' horrivel, isto!—exclamavam algumas senhoras mais incontidas.

Percebendo esse mau estar das suas parochianas, padre Liborio voltou-se para ellas:

— E' o vento... Não é, minhas filhas?

— E', sim, senhor — declararam algumas, envergonhadas, suppondo tratar-se d'aquelle que expellia a velha Maria dos Anjos. — Mas isso é só hoje — prometteu padre Liborio, na innocencia das cousas. — No domingo que vem estarão livres disso.

E na sua bondade referindo-se á rajada que entrava pela janella:

— Eu mesmo vou tapar o buraco...

THEATROS DO RIO



Pinto Filho e Olineva
que reabrirão na proxima semana o Phenix,
inaugurando ahi uma nova série de sucessos com
revistas de luxo e de gosto.

Giovanni Morelli

SURPREZA DE RAMON D'ABRANCHES

A' mesa de jantar, no grande hotel de luxo que é o "Paris-Hotel", o engenheiro Borges Mattoso deu com os olhos naquella encantadora figura de mulher que ficava duas mesas adiante da sua. Como dois navios que viajam no alto-mar e se procuram com os respectivos holophotes, os olhares de ambos se cruzavam, um duello de luz, que a ambos entontecia. E de tal modo estava o rapaz ao terminar o jantar, que, ao levantar-se da mesa, o seu primeiro cuidado consistia em procurar o gerente e indagar o nome, a origem e o estado d'aquella singularissima creatura.

— O senhor não a conhece, então? — estranhara o interpellado — E' mme. Fontoura Treves, mulher de um grande fazendeiro do sul.

E com enthusiasmo:

— E' uma linda mulher!

— Está hospedada aqui? tornou o engenheiro.

— Está, sim, senhor. Viaja sosinha, e vem esperar o marido, que chega um d'estes dias da Europa. Acha-se hospedada no mesmo pavimento do senhor. Está no quarto 583.

— Muito obrigado, — agradeceu o rapaz.

Eram mais ou menos onze horas da noite quando, ao descer para o "bar", o Borges Mattoso, vendo a porta do 583 apenas encostada, empurrou-a de maninho, e entrou. Ao dar dois passos para a frente, estacou, porém: diante d'elle, apenas com a camisa, que ia tirar, envolvendo a parte inferior do corpo, appareceu, em todo o esplendor da sua formosura deslumbrante, o corpo magnifico da moça que vira no "restaurante". Ao vê-lo, a rapariga soltou um grito abafado, e erguendo a camisa para o rosto, cobriu-o com ella, deixando descoberto, entretanto, todo o resto, do umbigo para baixo.

Homem educado, Borges Mattoso, arrepen-

dido do que havia feito, só teve um gesto: saiu nas pontas dos pés, ganhando a escada na carreira, sem se lembrar, sequer, de puxar a porta do quarto.

Foi nesse momento, exactamente, que o José, creado do engenheiro, ao passar deante do apartamento, e ao ver lá dentro um vulto de mulher, os olhos tapados pela camisa, e o resto do corpo á mostra, entendeu que aquillo era um convite á sua bestialidade. E não teve duvida: entrou no quarto, apagou a luz, fechou a porta de novo, e,

apanhando nos braços vigorosos a linda creatura que o desafiava, conduziu-a para o leito ao mesmo tempo que a cobria furiosamente de beijos

Pela madrugada, escuro ainda, após uma noite que as nymphas e os proprios satyros invejariam, a rapariga gemia, ainda:

— Como tu és forte, meu amor! E que simphia tu me despertaste desde o primeiro momento! Logo que te vi, perguntei ao gerente. E elle me disse: "E' o dr. Mattoso, engenheiro..."

— Perdão! — madame, mas... eu não sou o dr. Mattoso! — declarou o José, erguendo-se de repente no leito, amparando-se no cotovello esquerdo.

A rapariga virou-se para elle, num repellão.

E olhando-o, fixo, num grito de terror:

— Mas... quem é o senhor?

— Eu... eu... eu... — resmungou o José.

E humilde, baixando os olhos:

— Eu sou o José, creado d'elle!

LARGO DO MACHADO



Após a missa das 11, entre a hora de Deus e a hora do banho.

RAMON D'ABRANCHES

O NU ARTISTICO



ALICE SPEITZER,
linda figura do Theatro Casino, em uma das suas
creações choreographicas.



Creanças que tomaram parte em um dos quadros vivos da festa levada a efeito pelos alunos das Escolas "Mitre" e "Ouro Preto", em benefício dos mesmos estabelecimentos.

PAGINA PORTUGUEZA

Pacificação POR ANDRÉ BRUM

Em casa de Praxédes têm havido ultimamente mosquitos por córdas. O filho mais novo, o Quico, cujas proesas mais d'uma vez tenho relatado aos meus desoito leitores, está cada vez mais insuportável. Nem respeita seu pae, poder executivo, nem sua mãe, que é quem dá leis e é, portanto, poder legislativo, nem a creada, encarregada da manutenção da ordem publica. Nunca se viu garoto mais desenfreado. Ha coisa de oito dias, o Praxédes de quem eu indagava o estado de saúde de sua excellentissima esposa e de seus filhinhos, creanças encantadoras, declarou-me:

— Meu amigo. Não tive remedio senão applicar lá em casa algumas medidas de excepção. O Quico não toma juizo. Agora a mania d'elle é pintar de azul e branco um papagaio que tenho, um lindo bicharôco todo verde e encarnado. Apanhou-nos distraídos, a mim e á mãe; sabe que, no fundo, temos por elle uma grande fraqueza e toda a sua ralação é ir ao animalsinho e querer mudar-lhe a côr. Vendo que nem ameaças, nem conselhos eram capazes de o dissuadir, resolvi usar dos meios extremos: puz o Quico

incommunicavel no sótão. Fez um chinfrim de todos os diabos; mandou uma carta á madrinha a queixar-se de que o tratavam mal, não lhe davam de comer... Um inferno! Começaram os conhecidos a bramar que soltasse o meudo, minha mulher estava disposta á clemencia, a minha filha seringava-me o juizo... Só a creada não era da mesma opinião: — "Pois sim, dizia a rapariga, encarregada de manter a ordem publica. Soltem-no, que depois quem tem que o aturar sou eu..."

Escusado será dizer que não fiz caso do que dizia a sopeira e, hontem, decretei a amnistia. O Quico foi solto. Tratou-nos mal, deitou-me a lingua de fóra... Que maldito rapaz malcreado! Entretanto, fiquei contente por ter contribuido quanto podia para a pacificação da familia Praxédes. Eis senão quando...

— Que foi que succedeu? — interroguei curioso.

— Ora o que havia de ser? Esta manhã a creada veio chamar-me e fui dar com o Quico... Imagine o senhor o que elle estava fazendo...

— Não calculo.

— Estava a moer novas tintas para tornar, a pintar o papagaio...

André Brum

Reconciliação DE BERNARD BERAUD

Armando Bièvre, o conhecido director do famoso theatro "Folies-Comiques" manuseava uns papéis no seu gabinete confortavel, quando bateram suavemente á porta.

— Entre! — ordenou, a voz de commando.

E entrou na sala, graciosa, timida, phisionomia irradiando bondade e belleza, a figurinha de "biscuit" de Jeannette Frank, a linda actriz

pequenos, de porco, e a bocca e o nariz constituíam, pode-se dizer, todo o complemento de um tratado de sensualidade.

Ao ver a rapariga, o director das "Folies" ensaiou um sorriso de satisfação tão profundo, que o charuto quasi lhe cae do beijo. Limitou-se, todavia, a deital-o no cinzeiro e virou-se para a recém-chegada, cujo vultozinho delicioso era, de subito, uma nova tentação para os seus olhos.

Jeannette Frank era, realmente, sem o querer, a mais vigorosa propaganda que se poderia fazer contra a virtude. Clara, olhos verdes, pelle fresca e bocca meuda, o seu todo respirava tanta femilidade, que se tinha desejos de tomal-a nos braços e praticar, com ella, toda a sorte de peccados. Os seios, sem "soutien", tremiam-lhe por baixo do vestido de seda "beije" como se tivessem medo de ficar sosinhos; e quando andava, todo o seu corpo era musica, era convite, era anseio de prazer.

Ao contratal-a para as "Folies", Armando Bièvre contava com todo aquelle arsenal de caricias, das mais honestas ás mais bestiaes. E tivera-as, de todas as maneiras, de todos os modos, na medida das suas exigencias. Até que, na vespera, durante os ensaios de uma peça, houve uma desintelligencia entre elle e a artista, a qual na sua indignação, lhe gritara furiosa, despedindo-se:

— Devasso!... pervertido!... indecente!... Pois, fique-se com o seu theatro que eu me vou embora, "seu" crapuloso!...

E agora, eil-a de volta, humilde, e por vontade propria.

— Bièvre! — gemeu a rapariga, chegando-se, os olhos baixos. — Eu vim pedir-lhe que me desculpe de tel-o chamado devasso!

A essas palavras, o director poz-se de pé.

— Você foi injusta commigo, Jeannette, — exclamou, offendido, ao mesmo tempo que tirava o paletot e o collete. — Emfim, eu vou lhe desculpar.

Estirou-se no divam, e ordenou:

— Passe a chave na porta, Jeannette.

A rapariga obedeceu.

— Tire agora seu chapéo.

Jeannette tirou o chapéo, afofando o cabello alamado com a ponta dos dedos afilados.

— Agora, — tornou Bièvre, — ajoelhe aqui no tapete, junto do divam, abra a bocca...

— ?...

— E peça perdão!...

RAZÃO DE SOBRA



— Por que enganas teu marido?

Porque? Tu não sabes, então, que eu tenho horror aos homens casados?

que iniciava a sua carreira com tantas probabilidades de triumpho.

Gordo e forte, a cabeça grande assentada nos hombros de gladiador romano, Armando Bièvre era o typo mesmo do gozador da vida. O bigode curto, cortado em vassoura, estava, já, ligeiramente grisalho, menos talvez pela idade do que pelo excesso dos prazeres. Os olhos eram

Bernard Beraud

Lolota e Fifi pelo ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

Quando a Lolota Souza chegou á casa de sua amiguinha Fifi Mendonça, ficou espantada de não a encontrar na sala de jantar ou na de visitas; e mais admirada ainda se mostrou quando a criada lhe disse que a mocinha se achava ainda no dormitório, onde não admittia a presença de ninguém.

— Ella não recebe nem a mim? — indagou, estranhando o caso, a Lolota Souza.

— Não sei, não, senhora. Vou perguntar.

Momentos depois descia a criada com o recado para que a Lolota subisse. A moça galgou um por um os degrãos da escada, e, ao empurrar a porta, soltou um grito de espanto:

— Que é isso, menina? Queimaste a mão?

A pergunta não era, aliás, de todo descabida. Sentada deante da penteadeira, Fifi Mendonça, ainda com o seu roupão matinal, os seios turgidos a bicar o "peguicir" de seda malva, conservava ambas as mãos mergulhadas numa bacia de prata, posta sobre o descanso do movei. Afundados na agua limpida, os seus dedos curtos davam a impressão de que eram mais curtos, mais grossos, e pareciam bailar, acompanhando o movimento do liquido.

— Entra, filha... Desculpa não te dar a mão... — exclamou, rindo, a graciosa creatura.

Typo de moça moderna, Fifi Mendonça era esguiz e branca, e, toda ella, de uma distinctão encantadora. Possuia bocca meuda, em forma de ceração, e uns olhos longos e cinzentos que pareciam trazer toda a cinza e toda a luz de um crepusculo equatorial. O cabello, cortado curto, era dividido á direita, emprestando-lhe, a quem não observasse a delicadeza dos traços, uns ares de rapaz.

— Mas, que vem a ser essa historia?

Que misterio é esse? — tornou, cada vez mais intrigada, beijando a amiga em ambas as faces a Lolota Souza.

— Eu te vou contar; mas só a ti... Ouviste? — observou Fifi, endireitando-se na cadeira, mas sem tirar as mãos da bacia.

E na sua confidencia, enquanto a amiga se sentava:

— Eu te disse que me ia confessar hoje... Não te disse?

— Disseste?

— Pois, bem. Fui, confessei-me, e contei tudo ao padre. Disse-lhe que era noiva, contei-lhe o que meu noivo exigia de mim, não encobrinde nada, por maior que fosse a minha vergonha.

— E o padre, que te disse?

— O padre ouviu-me com toda attenção, pediu-me que não deixasse nada por contar, e quando chegou ao fim, deu-me a penitencia.

— Qual foi?

— Primeiro, elle me disse que, toda a mulher que toca num homem que ainda não é seu marido, a parte do corpo com que ella toca fica amaldiçoada. Então, recommendou-me isto, mandar buscar agua benta, e passar tres horas com a mão mergulhada dentro. E é o que estou fazendo.

— Ahn!... — fez a Lolota, sacudindo a ca-

AO PÉ.... DA LETRA



— Que lindo pé tem a senhora!

— E' eu conheço o jogo: vocês todos, na rua, elogiam o pé, mas quando chegam no cinema, e ficam no escuro, só fazem questão da mão!...

beça.

Meia hora depois, a amiga de Fifi Mendonça retirava-se, beijando-a muito, mas evidentemente nervosa. Ao chegar embaixo subiu, porém, de novo.

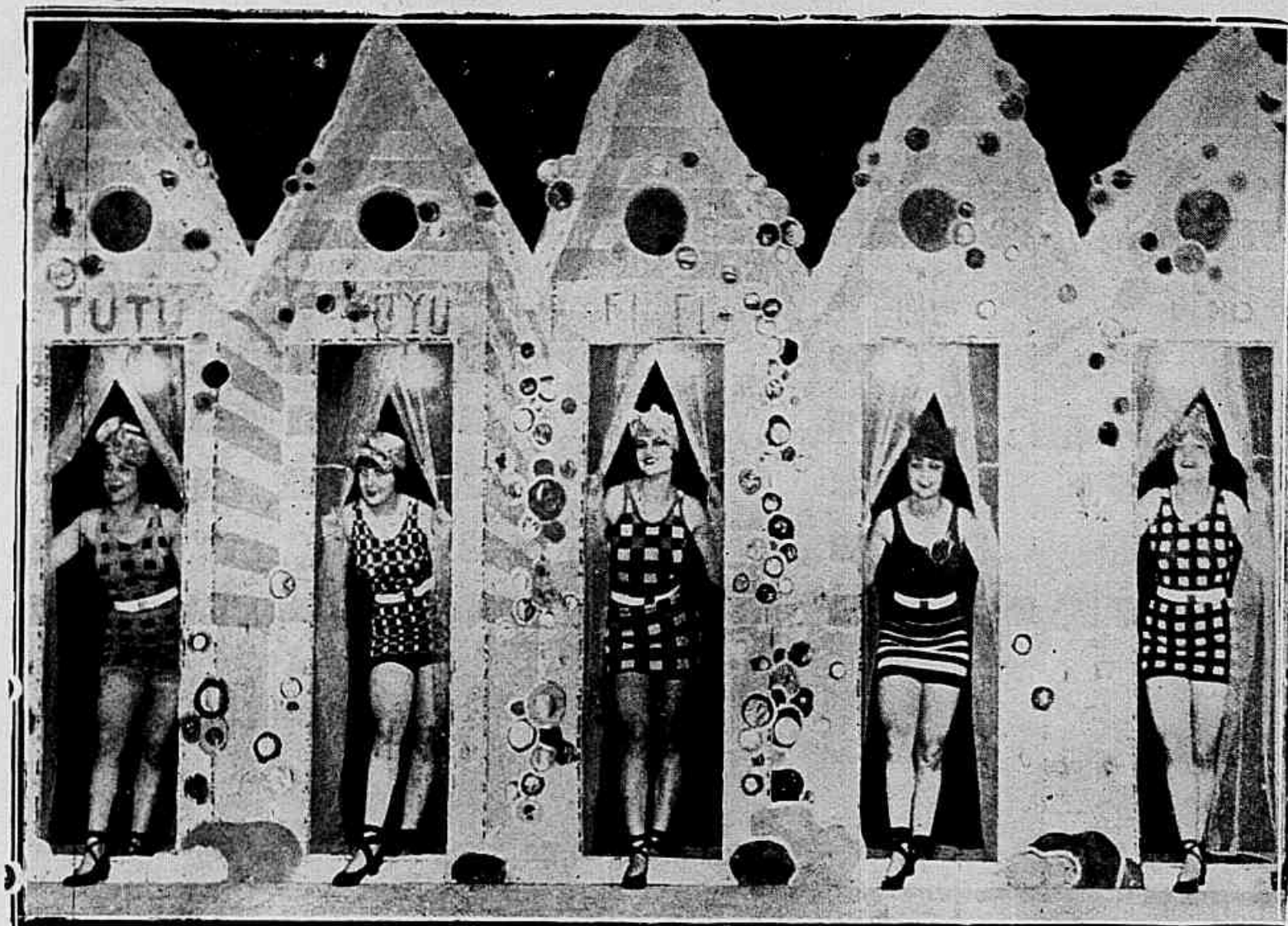
— Fifi, minha filha, pediu, — queres me fazer um favor? Emprasta-me um pouco da tua agua-benta. Sim? Basta um bocadinho...

E abraçando-se com a amiga, toda vermelha:

— E' só para bochechar!

ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

THEATROS DO RIO



"Girls" da "troupe" de Olineva, em uma das suas scenas da proxima revista no "Phenix".

Faire l'Amerique DE GEORGES MOTHIEU

Quando a Rosette se decidiu a deixar a França e a vir para o Brasil foi com a deliberação firme, calma, decidida, de arranjar dinheiro.

— Por mais vergonhoso que seja o meio de enriquecer, — pensava, de accordo com a sua philosophia, — nunca seria tão triste como a vida que leva uma creatura pobre.

E resoluta:

— Por isso vou ganhar dinheiro.

Para disfarçar a sua verdadeira situação e os seus verdadeiros designios, adquirira certo numero de vestidos, para vender ao chegar ao Rio. Com esse pretexto, ser-lhe-ia facil penetrar no paiz e, aqui, levar a effeito o seu vasto programma de vida galante. E era assim que alli estava, no armazem de bagagens do Caes do Porto, assistindo ao exame das suas malas, insistindo em pagar os direitos dos seus vestidos afim de melhor justificar o seu desembarque, inicialmente considerado suspeito.

Como sempre acontece nos dias em que entram tres ou quatro vapores estrangeiros, o movimento no armazem era grande. Inglezes, francezes, italianos, allemães, austriacos, hespanhóes, todos se cruzam, se confundem, procurando as suas malas, prestando informações aos conferen-

tes. Rosette, d'essa vez, estava entre elles, e dava os seus esclarecimentos quando os olhos lhe foram dar, perspicazes, num velhote baixo, rotundo, cara de "marcheur" ou de "coronel", que já havia tirado duas ou tres vezes a carteira abarrotada de cedulas.

— A senhora é, mesmo, modista? — indagou, em francez, o conferente.

— O' cavalheiro, por que não?

O funcionario era, porém, um excellente rapaz. Sorriu da insistencia da passageira e, com a melhor cara do mundo, tornou:

— Olhe, aqui para nós: seja franca. Pode ser até que eu a possa auxiliar em alguma coisa... Simpathisei com a sua pessoa, e, se disser a verdade, tudo ficará entre nós.

— Palavra d'honra? — propeza a rapariga, os olhos brilhantes.

— Palavra d'honra.

— Pois, bem: eu lhe confesso que sou uma cortezã profissional do amor, tudo que o senhor queira, mas com uma condição.

E os olhos vivos, faiscantes de ambição, apontando o typo do "coronel".

— O senhor vae dizer já, isso mesmo, áquelle velhote que está alli contando dinheiro! ...

GEORGES MOTHIEU

VII - MADAME DE POMPADOUR

Poucos espiritos de mulher terão, como o d'esta, merecido tanto a notoriedade. Belleza, talento e bondade não lhe faltaram. As Fadas benfazejas beijaram-n'a no berço, e trouxeram-n'a através da vida, até á morte.

Filha official de um simples empregado do serviço de fornecimentos do Exercito, mas filha, na verdade, do grande proprietario de terras Lenormant de Tournheim, Jeanne-Antoinette veio ao mundo em Paris no anno de 1721. Acompanhando-lhe de perto o desenvolvimento physico, Lenormant comprehendeu, desde cedo, que aquella creaturinha, como lhe affirmava a mãe, era, mesmo, sua filha. E foi na certeza disso que a tomou para crear, levando-a para a sua casa, onde lhe deu todo o conforto e todo o luxo permittidos pela sua immensa fortuna.

Aos dezeseis annos era Jeanne-Antoinette, ou antes Jeanne, como era conhecida, uma das mais lindas promessas de mulher que então existiam em Paris. Adorando o canto e a musica o seu pae de criação, que era seu pae de facto, chamou, para leccional-a os principaes mestres da arte, no seu tempo. Em quanto isso, o espirito se lhe aprinçava, a ponto de attrahir para os salões de Lenormant figuras como Voltaire, Fontenelle, Duclos e Trebillon, as quaes, do regresso, não se cansavam de louvar aquella admiravel organização de mulher.

Requestada embora por grandes nomes da Corte, Jeanne, obedecendo á vontade do pae, deu preferencia ao sobrinho d'este, Lenormant d'Etioles. Ella era, então—diz um dos seus biographos—um modelo de mulher, lindo e bello no mesmo tempo. As linhas do seu rosto possuíam a harmonia e a pureza, e, animando-as, todo o espirito sorridente de uma verdadeira parisiense. Tudo o que dá á physionomia brilho, encanto e fogo, ella o tinha no mais alto grau. Nemhuma mulher da Corte possuía então um conjunto de dignidade e coquetaria tão completo, nem traços tão finos e tão nobres, nem talhe tão elegante e tão flexivel. Ao vel-a, a mãe, mulher rustica, não se con-

tinha, e exclamava:

—E' pedaço para um Rei!

Essa opinião materna accordou no seu espirito um secreto presentimento. Alguma coisa, no intimo do seu coração, lhe dizia que havia de ser amada pelo rei, que era, então, Luis XV. Ella por si mesma já o amava em segredo.

“Em dezembro de 1771—narra Arsène Housaye,—houve uma grande festa no Hotel de Ville, á qual todas as damas compareceram mascaradas. Approximando-se do Rei, Mme. d'Etioles, então com 23 annos, pediu, nervosa:

—Sire, Vossa Magestade me vá explicar, na

bondade do seu coração, o que significa um sonho extravagante que eu tive: eu sonhei que iria assentar-me sobre um throno durante um dia.

—E á noite?—indagou o Rei, brejeiro.

—Eu não affirmo, continuou a linda mascarada, que esse throno fosse o da França; sei, apenas que era de purpura, ouro e diamantes. Esse sonho, me atormenta, e tem sido a alegria e a inquietação da minha vida.

—Para responder, era preciso que essa mascara tomhasse...—propoz o soberano.

—Vós já me vistes, Sire.

—Onde?

—Na floresta de Senart.

—Então,—concluiu o Rei,—vós sabeis que eu vos procuro ver ainda...

Em breve, eram amantes. Brindada com o titulo de marquez de Pompadour, Mme. d'Etioles custou á França, pelas suas liberalidades, 40 milhões de luizes. Protectora das artes, das sciencias, das letras, deu brilho á corte e gloria ao paiz. Ao morrer a 15 de Abril de 1764, foi a sua memoria, todavia, insultada e diffamada, em centenas de epigrammas tão ferinos como não se conhecem outros nas letras francezas.

Morreu aos 43 annos, no esplendor da belleza e do fausto, e com uma coragem que foi bem o coroamento de uma grande vida de favorita real.

AS GRANDES CORTEZÃS



Mme. de POMPADOUR

PARSIFAL



Banho de sol..

Velhas Historias

Falta de trôco por MATHUSALEM

Georges Brown Scott não vinha para o Brasil: ia para a Argentina fiscalizar a estrada de ferro de Rosario a Tucumman, e se desembarcou no Rio, que era ainda o Rio antigo, foi para esticar as pernas, paralisadas por quatorze dias de viagem.

Posto em terra, em companhia do seu creado John, corges Brown Scott largou-se a pé, cidade a dentro, indo ter ao Campo de Sant' Anna, onde, devido ao calor que reinava, chegou em mangas de camisa, cachimbo á bocca e paletot no braco. Com o exercicio da marcha sentiu, porém, desejos de fazer uma necessidade, e, como não visse ninguem por perto, encostou-se ao tronco de uma arvore, e regou fortemente o capim. Não tinha, porém, ainda, chegado ao fim, quando um guarda se aproximou de vagar, e, batendo-lhe no hombro, declarou:

- Cavalheiro, está multado!
- Mim, multada? — fez o "bife", sem grande espanto. — Quanto paga?
- Dez mil réis, — arbitrou o guarda.
- Quanta vale dez mil réis dinheiro inglez?
- Meia libra.

Georges Brown Scott procurou no bolso uma moeda de meia libra. Não achou. Só havia libra inteira.

- Senhór tróca? — indagou do guarda.
- Não, senhor, — declarou este.

E o inglez:

— Enton, senhórr fica com um libra. Quando voltarr do Buenos-Airres mim vem mijarr aqui outra vez!

MATHUSALEM

Chronicas meúdas

Marion por JOÃO TAUBATE'

A Marion Rocha, aquella formosa paulista que vem fazer no Rio a "colheita do café", é uma das figuras mais graciosas do seu meio. Alta e esguia, é o typo que agrada aos "coroneis" gordos, e d'aquelles a que se dá o nome de "aeroplanos", por terem resolvido, voando para cima ou por cima da gente, o problema do "mais pesado que o ar".

Era essa Marion, tão subtil no espirito quanto ligeira no corpo, que ia numa destas tarde pela Avenida ao lado de uma companheira tão bonita quanto ella, quando, de repente, desabrochou num sorriso, em frente ao Club de Engenharia.

Da porta da velha instituição, oito ou dez pares de oculos faiscavam, como se oito ou dez gatos aguardassem, famintos, a passagem do mesmo rato. A rapariga olhou para um desses pares de oculos, e cumprimentou.

— Quem é? — indagou a amiga de Marion, sempre interessada em conhecer homens.

— Não conheces? E' o dr. Valdomiro.

— E' teu assignante? — indagou a outra, curiosa.

E Marion:

— Não. Os meus assignantes são apenas quatorze.

Mas adeantou, logo:

— Esse, quando me quer, compra avulso..

JOÃO TAUBATE'

A FESTA DOS VENCEDORES



Festejando a conquista do Campeonato de Foot-Ball de 1926, o Club S. Christovam levou a effecto um baile retumbante, de intensa alegria. A gravura registra o facto, apresentando um grupo de rapazes que nelle tomaram parte.

A lembrança do coronel de PAULO D'ALMEIRIM

Ha, no Maranhão, uma palavra regional com que se designa essa especie de homens que não são homens, essas creaturas de maneiras e gestos efeminados e voz de falsete, cujo reducto, no Rio, é a praça Tiradentes. Não ha maranhense que a ignore. Lá, o termo offende quando dirigido a qualquer pessoa a quem não sirva. Aqui, porém, ninguém o conhece, e tão sómente por isso, não teve repercursão nem deile se occuparam os jornaes, o caso que vou referir.

Vindo da terra dos camarões aportou ao Rio, ha tres mezes, o coronel Elesbão Casado, fazendeiro riquissimo, natural de Caxias, cidade do interior daquelle Estado nortista. Saltou no cães Pharaoux e foi de bonde para o hotel. O coronel Elesbão resolvera gastar uns cobres vadios de uma transacção que fizera, a qual lhe correra ás mil maravilhas. A mulher e os filhos deixara-os lá, tomando conta dos bois, a sua maior fonte de riqueza. Sem conhecer ninguém no Rio, o fazendeiro saiu a passear logo no primeiro dia, e no primeiro dia foi logo victima de um conto de vigario, essa mesma historia chorosa e comprida de dinheiro para Santa Casa, que os esperalhões applicam, habitualmente, sempre com proveito, na cabeça dos "gecas". O coronel, fe-

lizmente, perdeu poucos nicks e não se importou mais com o caso. Apenas ficou prevenido, para não cahir noutra. E continuou nos seus passeios. A principio a cousa ia bem, mas depois o coronel começou a aborrecer-se de andar só, de não encontrar uma unica cara conhecida, privado, como estava, de fazer uso da lingua, que lá no seu sertão tinha sempre trabalho.

Quantas coisas já succedidas boas para contar a um amigo! A sua impressão do Rio, a tontura que sentira nos pontos de grande movimento, as etiquetas do hotel, as noticias da sua terrinha, que sabia elle, tantas eram as novidades! No entanto, subia e descia a Avenida, olhando para todos os lados, e esquadrinhando tudo.

Ia aos theatros, aos cinemas; mas qual, não se distrahia. O que elle queria era fallar.

Uma noite, desesperado, dentro do cinema Odeon, lembrou-se de usar do termo maranhense, que elle sabia só conhecido no Maranhão, para assim, offendendo um comprovinciano, ter um amigo, ou antes de fazer um amigo para desabafo da sua tortura. Enchendo-se de coragem, levantou-se e berrou com toda a força dos pulmões a palavra chula. Logo, na fila da frente, virou-se um cavalheiro. O coronel não esperou mais nada. Correu para o desconhecido, abraçou-o, e essa noite passou-a toda tagarelando...

PAULO D'ALMEIRIM

HISTÓRIAS ITALIANAS

AMOR FILIAL de GIOVANNI SPINELLOSSI

A pequena cidade de Fiori, nos Alpes italianos, havia sofrido naquella anno, mais do que nunca, os effeitos do inverno. A neve tinha sido tanta, e em camadas tão abundantes, que tudo gelara. E foi nesse tempo, exactamente, que o velho Conrado morreu.

Estabelecido naquellas eminencias desde rapazola, Conrado Scalse alli constituiria familia, e alli tivera, e vira crescer, os seus dois filhos, Emilio e Ugo. Emquanto fôra moço, exercera sosinho a sua profissão de guia das montanhas. Chegada, porém, a velhice, transferira o cajado aos filhos, ficando em casa a fabricar pequenos objectos de pedra e madeira que um dos rapazes lá vender a Fiori.

Pelo seu proprio mistêr, e pela sua pobreza, o velho Conrado e os filhos moravam fora da villa, no caminho, mesmo do pico de Fontarriga. E ahi estavam sitiados todôs nesse inverno quando o velho falleceu, e o seu rebento mais velho, o Emilio, veio até Fiori, em busca do padre Cornaccini, vigário da região, afim de fazer a encommendação do corpo.

Entre a aldeia e o albergue dos Scalse não eram mais de quatro ou cinco milhas; a obstrução dos caminhos pela neve havia sido, porém, de tal ordem, que essa distancia não podia ser vencida em menos de seis ou sete horas de viagem penosa e arriscada. Havia a accrescer, ainda, a difficuldade em abrir no gêlo uma sepultura, — e tudo isso foi allegado pelo sacerdote, que não tinha mais idade, nem saude, para semelhantes excursões.

— Tenha paciencia, meu filho, mas eu não vou, — declarou padre Cornaccini, tremendo de frio. — Além de tudo seria inutil a viagem, porque vocês não poderão enterrar o velho no gêlo. Por isso o que eu aconselho, é o seguinte: ponhem o cadaver em um quarto, que o proprio

frio o conservará; e quando vier o degêlo, e a terra se descobrir, eu vou lá, faço a encommendação do corpo, e vocês o enterrarão, porque poderão cavar o solo com maior facilidade. Não acha?

— Pois, não, senhor vigário; eu vou dizer isso mesmo a meu irmão, — declarou Emilio, embuçando-se de novo, prompto para a partida.

Mais terrivel do que nunca, o inverno durou ainda quatro mezes. No quinto, melhorando o tempo, trabalhavam os dois filhos do velho Conrado em reparar o albergue, comprometido pela ventania das montanhas, quando chegou, montado na sua mulasinha cardã, padre Cornaccini.

— Bom dia, rapazes! — saudou, apeiando-se.

— Bom dia, senhor vigário! — responderam os dois, approximando-se.

— Então, o tempo afinal melhorou; não?

— E' verdade, senhor vigário.

— E para vocês verem como eu era amigo do pobre Conrado, aqui estou, — declarou, — Assim que o tempo melhorou, subi logo para fazer a encommendação do corpo.

Os dois rapazes entreolharam-se, em consulta reciproca.

— Não, senhor, sr. vigário, — declarou Emilio, adeantando-se. — Enterrar, nós não o enterramos, não; mas pedimos ao senhor vigário que nos desculpe se o corpo não estiver mais inteiro.

— Que é que aconteceu? — indagou padre Cornaccine, intrigado.

— Nada, sr. vigário; é que o sr. vigário só vae encontrar a metade do defunto.

— E a outra metade?

Os dois baixaram os olhos, humildes. E ao mesmo tempo, compungidos:

— Nós fizemos isca p'ra apanhar raposa...

APPROXIMANDO... O PARENTESCO



— Não, Roberto, não! Lembra-te que nós somos primos... Primos longe, mas o somos!

— Pois, por isso mesmo, Nenem. A gente deve chegar a prima p'ra perto quando é prima longe!

Giovanni

Spinellossi

Historia de Principes que nunca existiram... por MENOTTI DEL PICCHIA

Uaskar, principe da Circania, em vespas de sentar-se no throno do velho Othão II, pelas necessidades de uma politica que procurava ligar-se ao reino da Murcia, devia casar-se com a princeza Wilna.

No salão nobre do castello real de Gund, viu-a, de realce, sem siquer reparar detidamente nella, com seu diadema de archi-duqueza nos cabellos negros. Pareceu-lhe bella. Mas, como o principe procurava seu amor, odiou-a, com esse odio humano e forte que passa por cima de todas as razões de Estado.

A princeza, ao receber-lhe as homenagens, varou-o com um olhar onde sentiu uma repulsa. E Uaskar, de volta ao seu castello, passou noites em claro, dedos em pente na farta cabelleira romantica, maldizendo o destino que o tálhara para rei.

Quiz então aquilatar a felicidade que perdera; dispoz-se, antes do casamento, que elle sabia ser fatal, a procurar incognitamente a mulher que o fado teria tornado a sua eleita e, acompanhado por um velho criado, disfarçado em tenente dos dragões do palacio, começou a frequentar as casas modestas do reino, em busca do seu sonho irrealizavel.

Na casa de um funcionario da chancellaria, certa noite, num baile modesto, encontrou uma mulher singular: tinha os grandes olhos negros, uma farta cabelleira; era elegante, fidalga de maneiras, contrastando com as outras burguezas que lhe faziam uma cõrte indiscreta. Attrahiu-o a vaga impressão de tristeza que enlouquecia o olhar profundo daquella mulher, e, em pouco tempo, o tenente — futuro rei — apaixonára-se pela criatura extranha.

— Ah! — suspirava Uaskar, nos instantes de desalento, abrindo seu coração ao velho criado — ahi está a mulher que eu amo e procuro. O destino é cruel! Como ella é differente da princeza Wilna! Como ella é simples, como ella é bella, como ella é boa...

Quando voltava ao seu castello real, entre lépidos galgos e gritos de clarins sonoros, uma

grande angustia o possuia e imaginava com horror o dia do seu casamento com a princeza que não amava.

— Por que nasci para reinar? Por que existem razões de Estado?

Certo dia, disse á mulher extranha o seu amor. Ella respondeu:

— Eu não posso amal-o.

Elle soffreu. Consolava-o, porém, a certeza de sentir que ella tambem o amava.

— Ama-me, mas não me pôde amar! Por que será? — suspirava o principe. — Hei de saber! Hei de saber!

E, numa noite magica de luar opalino, sós no jardim da casa onde os pares bailavam, elle supplicou, pediu, exigiu a explicação do mysterio.

— E por que repudias o meu amor?

— E's capaz de guardar um grande segredo?

— Sou.

— Eu não te devo amar, porque não posso ser tua. O destino me obriga a acceitar a companhia d eoutro homem. Para conhecer qual seria o meu amor, o meu espontaneo amor, fugi do mundo ao qual pertengo. Quiz apenas aquilatar o peso da minha desgraça. O homem que eu amaria, a quem queria pertencer, és tu. Entretanto, o que será meu esposo e senhor é outro.

— Como se chama?

— Uaskar, o principe herdeiro da Circania.

— Wilna!

— Conheces-me?

— Só hoje eu te conheço, meu amor!

Vite num castello, princeza, quasi rainha... Nem siquer prestei attenção em ti!

— Tu? E's tu? Tu és o principe?

— Não! Não sou o principe... Sou Uaskar, o teu amor!

* * *

Historias assim só apparecem em contos de fadas e em phantasias de chronistas sem assumpto. A vida é tão differente...

MENOTTI DEL PICCHIA

LOTERIA FEDERAL

UNICA official.

UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.

UNICA per cujos premios responde o Thesouro

UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.

CAPITAL: 3.000 contos COM O DEPOSITODE 500 CONTOS no Thesouro.

PREDIO proprio, á Rua 1.º de Março 110, com frente para a Rua Visconde de Itaboraity, 6V, Extrações diarias ás 2 h2. e ás 2 horas nos sabbados.

A RATICE DO ANTUNES POR MARTINS

O Antunes, funcionario dos telegraphos era um desses typos usurarios, amarrados ao dinheiro como a ostra á casca.

Levava uma vida regrada, limitando os seus gastos ao essencialmente necessario. Toda a grossa maquia que recebia cada mez era dividida para isto e para aquillo, e o que sobrava (e sobrava muita coisa) era guardado no Banco do Brasil, onde elle já tinha um bello deposito rendendo por anno. Pouco sahia. As noites passava-as em casa, mettido no seu pyjama de zephir barato, lendo, deitado, os jornaes da tarde, seu unico gasto extraordinario, ou, então, na sala de visitas a discutir politica e finanças com os outros hospedes da pensão em que morava. O dono dessa pensão estimava-o deveras pela pontualidade com que, infallivelmente, no principio de todo mez, saldava a sua continha passada. Por isso tratava-o bem e brigava quando, alguém procurava ver no seu favorito a pessoa de um canhenga despresivel. Que diabo! Procedia como um homem de bem, como um homem agradecido, um homem de coração, defendendo-o de accusações injustas, a seu yêr, porque aquelle funcionario não era mais nem menos que um sujeito equilibrado. Antes assim, que vivendo em farras, em pandegas, sempre prejudiciaes á bolsa e á saude. Um dos companheiros de casa do Antunes, um tal Zéquinha, teimava em querer levar a "segura" creatura a um "cabaret", para, dizia numa roda de amigos, mostrar-lhe o que era a vida. O Antunes, porém, negava-se a acompanhá-lo, apresentando, sempre, razões de ordem administrativa. O Zéquinha não desanimou. E uma noite, com surpresa sua, encontrou-se, na rua, com o amigo, o qual voltava de uma visita a um politico de prestigio, com quem fôra "cavar" a sua promoção a um posto maior e de melhor remuneração. O politico lhe promettera providenciar. E o Antunes, que confiava muito na honestidade dos politicos, vinha alegre e presenteiro pela rua do Ouvidor. Seriam dez horas da noite. O Zéquinha prendeu-o logo, pelo braço e o foi levando até o canto da Gonçalves Dias. Ahi, ouvia-se o som de uma "jazz" executando, bulhentemente, um "fox-charleston". A musica, alegre e saltitante, que provinha de uma escola de danças, augmentou a satisfação

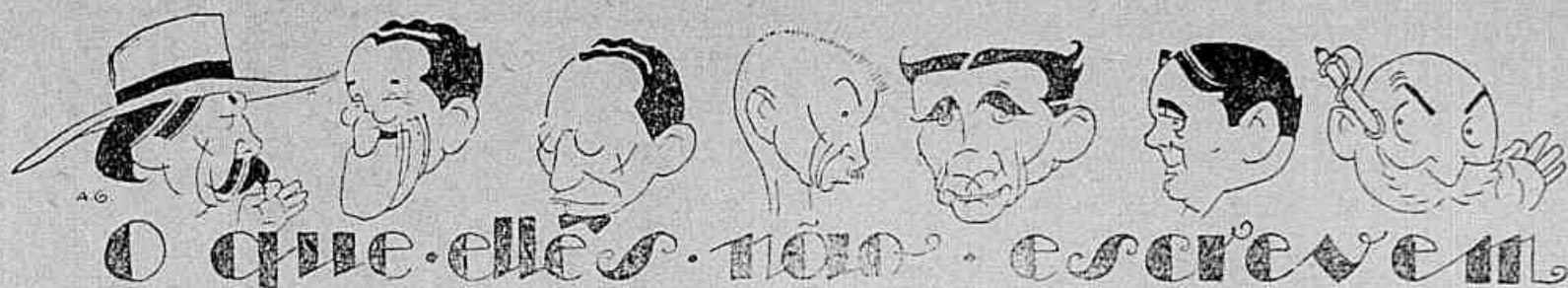
em que se alagava, nessa noite, o Antunes. Perguntou logo quanto se pagava para dançar e propoz ao Zéquinha irem ambos lá dentro. O Zéquinha não queria. A sua idéa era levar o outro a um "cabaret", a uma farra de facto, de arrebentar. Mas, á forte insistencia do companheiro, concordou, porém, com o pensamento de, dalli, carregal-o até onde julgava poder mostrar-lhe o que era a vida. O Antunes parecia estar mesmo disposto a gastar. A sua resolução subita, a alegria não commum como subiu a escadaria, a sua conversa pontilhada de dictos, tudo, nelle, finalmente, fazia prever que estava num dia unico de sua monotona vida regrada. Lá em cima, como ficasse feio permanecer em pé, sem occupar uma meza ou dançar, apellou o amanuense para esta ultima solução, por ser mais barato, uns mil e quinhentos cada dança, enquanto o Zéquinha tomava "chopps" e fumava charutos carissimos, por conta do amigo.

O funcionario correu, logo, para uma pequena, enlaçou-a e saiu, atrapalhado pela sala, fóra do compasso, pisando-a e dando reviravoltas a torto e a direito. E' de praxe, nas escolas de dança, ser a primeira musica bastante longa. Tal pratica, que revela tino commercial, tem por fim prender o freguez, despertando-lhe o gosto e o desejo de novas danças. Dahi o explicar-se a presteza com que a orchestra mal termina a primeira musica executa, em cima, outra, de menor duração, e, após esta, outra ainda, não dando tempo ao cavalheiro, que pagou para dançar uma só, de afastar-se da moça professora. No final, o desgraçado, em vez de mil e quinhentos, tem que pagar o triplo. Mas com o Antunes não aconteceu o que aconteceria a qualquer pessoa inimiga de escandalos por insignificancias. Terminada a primeira, o telegraphista ia separar-se da pequena, quando nova musica soou na sala. A moça, treinada, passa novamente o braço no pescoço do seu par. O Antunes, porém, em vez de acceder, empurra-a e brada, alto, para que todos ouvissem:

— Não! A mim vocês não levam, não! Eu paguei uma só e estou satisfeito...

E desceu as escadas, deixando lá em cima o Zéquinha sem um vintem...

Martins Carlos



OS DOIS PODERES

Está eleito membro da Academia Brasileira de Letras, por 20 votos contra 12, dados ao deputado Lindolpho Collor, o arcebispo de Cuyabá, Dom Aquino Correia.

— Isto é um paiz medularmente catholico, — observava o comediographo Claudio de Souza.

E desolado:

— Onde travam lucta o poder religioso e o poder civil, o que vence é fatalmente o primeiro!...

NO "SEGURO"...

— Eu nunca imaginei que o Collor perdesse esse pleito! — confessava Augusto de Lima. — E era essa, na Camara, a impressão geral.

O arcebispo tinha o clero rezando por elle, — obtemperou o professor Silva Ramos

— Eu sei... eu sei... — atalhou, de novo, Augusto de Lima. — A questão é, porém, que o Lindolpho é director da Sul-America, e...

— Que tem isso?

— Devia ter posto a candidatura no "seguro"!...

DOMINIO PUBLICO

A conhecida e sympathica mulher de letras, autora de uns bellos versos, levou muito tempo sustentando a mesma linha de discreção na vida e nas maneiras. De repente, porém, começaram a circular boatos sobre a sua conducta.

— Houve uma inversão no destino d'essa creatura, — explicava o Monteiro Lobato. — Pelas nossas leis, a obra, attingindo vinte e cinco annos, cae no dominio publico. Mas, com esta poetisa, não. Aos vinte e cinco annos...

E irreverente:

— Quem caiu no dominio publico foi a autora!...

O TRATO DA LINGUA

A Academia deve preencher, na sua sessão de 23, a vaga de Mario de Alencar, á qual são candidatos Mario Barreto e Olegario Maria...a-no.

— Se a Academia é uma instituição interessada principalmente na conservação do idioma, — observava um medico illustre, num salão aristocratico, — eu acho que o eleito deve ser o Mario Barreto.

— O Mario é um dos nossos melhores maneja-dores da lingua, — confirmou um velho professor de portuguez.

E uma "melindrosa", ádeante, toda vermelhinha:

— E o Olegario tambem!...

REGRA COMMUM

A illustre escriptora, nome nacional, nunca foi uma creatura hypocrita. Escreve sobre as cousas mais escabrosas e nunca fez grande questão de dissimular a sua vida galante. Uma d'estas tardes, porém, declarava, em um grupo de escriptores:

— Agora, sim; agora, faço questão de portar-me bem, e com a maior compostura. Antigamente, como quasi todas as senhoras de sociedade eram honestas e virtuosas, eu para me distinguir d'ellas dei os meus escandalos; mas, agora...

E em voz baixa:

— Ha tanta senhora casada dando escandalo, que eu, para não me confundir nem me banalizar, estou fazendo questão de ser virtuosa!...

ESTRANGULAMENTO... LITERARIO

Acha-se enfermo, embora sem gravidade, o academico O. Duque Estrada. A noticia correu celere, e foi um alvoroço entre os candidatos á Academia, e, especialmente, entre os poetas que elle tem desancado. A primeira noticia do facto foi, porém, imprecisa.

— O Osorio estrangulou... — começaram a contar.

— Um poeta? — indagou alguém, afflicto.

E o portador da noticia, abrindo num sorriso:

— Estrangulou... uma hernia!...

OLHO DE VIDRO

A Capital

acaba de retirar da Alfandega novo sortimento de artigos para presente de festa.

Em Camisas, Gravatas, Roupinhas para Crianças, Brinquedos, Novidades para Senhoras e Perfumarias Finas.

É formidável e variadíssimo o seu "STOCK",

Uma visita a Casa Matriz ou á Casa Central, impõe-se a quem quizer adquirir um bello presente com pequena despesa.



OS MESTRES DA SENSUALIDADE

Entre laranjeiras de BLASCO IBANEZ

— Que me importa o que possam murmurar! — dizia elle, uma noite, no quarto de Leonor, onde subia cautelosamente todas as noites. — Quero-te tanto, que desejaria ver toda essa gente prestando-te adoração. Quizera poder tomar-te nos braços, assim como estás, quasi nua, e, em pleno meio-dia, apresentar-te na ponte de Arrabal, perante a multidão deslumbrada pela tua belleza, e dizer-lhe: — "Sou ou não o vosso chefe? Pois, se o sou, adora-e esta mulher, que é a minha alma, e sem a qual não posso viver. O affecto que me tendes a mim dividi-o tambem com ella." — Crê que, se fôsse possível, o faria.

— Meu tonto... minha adoravel creança! — dizia ella, cobrindo-lhe a cara de beijos, acariciando-lhe a barba negra com a boca suave e trémula.

E, em uma dessas entrevistas, onde as palavras se interrompiam com subitos impulsos de paixão, onde as phrases se cortavam com um salto de animal zeloso, afogando-se ambos entre as boccas unidas e os peitos opprimidos num abraço, foi que Leonor manifestou o seu capricho.

— Aqui dentro, suffoco. Repugna-me acariciar-te entre quatro paredes, como se fôras um amante de momentaneo capricho. Isto é indigno de ti. E's o amor que veio procurar-me na mais formosa das noites. Gosto de ti ao ar livre. No campo, o amor é mais puro, mais fresco. Vejo-te mais formoso e sinto-me mais nova.

E, recordando os passeios, rio abaixo, que Raphael tantas vezes lhe havia contado, nas suas conversas de amigo; aquella ilhota orlada de juncos, com os salgueiros inclinando-se sobre a agua e o rouxinol cantando escondido, perguntava-lhe, anciosa:

— Em que noite me levas? E' um capricho. Mas, para que serve o amor senão para fazer alegres loucuras, que dulcifiquem a vida?...

Leva-me na tua barca. Ella, que te conduziu aqui, nos transportará a essa ilha encantada. Amar-nos-hemos, uma noite inteira ao ar livre.

E Raphael, que se sentia orgulhoso com a ideia de passear o seu amor, rio abaixo, através da campina adormecida, desamarrou a barca, a meia noite, debaixo da ponte de Arrabal, levando-a para um canal contiguo á horta de Leonor.

Uma hora depois, atravessavam a mota, de braço dado, rindo daquella sortida de collegiaes travessos, estreitando-se um contra o outro, quebrando com beijos ruidosos e provocantes o magestoso silencio do campo.

Embarcaram, e a lancha, impellida pela corrente, guiada pelos remos de Raphael, começou a descer o Jucar, embalada pelo sussurro das aguas ao deslizarem por entre as altas margens barrentas, cobertas de cannaviaes que se inclinavam formando mysteriosos esconderijos.

Leonor batia as palmas de contente. Atirava para a nuca a mantilha com que havia coberto a cabeça, desapertava o ligeiro casaco de viagem, e aspirava, com delicia, o ar humido e um tanto pegajoso, que enrugava a superficie do rio. Com mão trémula acariciava a agua.

Que deliciosa sortida! Sós, e errantes, como se o mundo não existisse, como se toda a natureza fosse delles, passando perto das granjias adormecidas, deixando para traz, a cidade,

sem ninguem dar conta daquelle amor que, no seu entusiasmo, transbordava, sahindo do seu mysterioso esconderijo para ter por testemunhas o céu e o campo. Leonor queria que a noite não terminasse nunca; que essa lua, no minguante, que parecia cortada por um golpe de sabre, se detivesse eternamente no céu, para os envolver na sua luz diffusa e amortecida. Queria que o rio não tivesse fim, e a barca fluctuasse, fluctuasse, até que, extenuados de tanto amar, exhalassem o resto da vida em um beijo ténue como se fôra um suspiro...

— Se soubesses quanto te agradeço este passeio!... Raphael, estou contente. Nunca tive uma noite igual a esta. Mas, onde está a tua ilha? Perdemos-nos, como na noite da inundação?

Não. Chegavam á ilha, onde Raphael muitas vezes havia passado as tardes, escondido nos mattagaes, isolado pela agua, sonhando ser um daquelles aventureiros dos prados virgens ou dos immensos rios americanos, cujas peripecias seguia nas novellas de Fenimore Cooper e Mayne Reid.

Um pequeno rio tributario vinha juntar-se ao Jucar, desembocando mansamente debaixo de um massiço de cannas e arvores — um arco triumphal de folhagem. E, na confluencia das duas correntes, emergia a ilha, uma pequena extensão de terreno quasi raso com a agua, mas fresco, verde e perfumado como se fosse um ramalhete aquatico, com espessos juncaes, onde zumbiam de dia os insectos de oiro, e com alguns salgueiros, que inclinavam sobre a agua as finas cabelleiras, formando abobadas de sombra, debaixo das quaes a barca deslisava...

Os dois amantes entraram na sombra. A cortina das ramadas occultava-lhes o rio; a lua apenas podia filtrar algumas lagrimas de luz entre a ramagem dos salgueiros.

Leonor sentia-se atemorizada por aquelle ambiente de cova humida e lugubre. Animaes invisiveis cahiam na agua, com um ruido surdo, ao sentir a prôa da barca rasando o barro da margem. A artista agarrava-se nervosamente ao braço do amante.

— Não tenhas medo — murmurou Raphael.

— Apoia-te a mim e salta... Devagar! Não querias ouvir o rouxinol? Alli o temos: escuta.

Era verdade. Em um dos salgueiros, do outro lado da ilha, a mysteriosa ave, escondida, lançava os seus trinados, as suas vertiginosas cascatas de notas, detendo-se no mais vehementemente do torvelinho musical; para soltar um queixume suave e interminavel, semelhante a um fio de oiro que se estendesse no silencio da noite, sobre o rio, que parecia applaudilo com o seu abafado murmúrio.

Os amantes avançavam, por entre os juncos, curvando-se, hesitando antes de dar um passo, sobresaltando-se com o estalido dos ramos debaixo dos pés.

A humidade permanente tinha coberto a ilha de uma vegetação exuberante. Leonor fazia esforços para conter o seu riso de creança, ao sentir-se com os pés presos pelos liames dos juncos e ao receber as asperas caricias dos ramos, que se dobravam á passagem de Raphael, e que, recobrando depois a elasticidade, lhe vi-

Entre laranjeiras de BLASCO IBANEZ

nham bater a ella no rosto.

Pedia auxilio, como voz apagada, e Raphael, rindo tambem, estendia-lhe a mão, arrastando-a para junto da arvore onde cantava o rouxinol.

Advinhando a presença dos amantes, a ave calou-se. Ouviu, sem duvida, o ruido dos corpos, cahindo ao pé da arvore, e as ligeiras palavras murmuradas ao ouvido.

Reinava o grande silencio da natureza adormecida — esse silencio composto de mil ruidos que se harmonisam e fundem em magestosa calma: sussurro da agua, rumor das folhas, mysteriosas vibrações de seres occultos e imperceptiveis, que se arrastam sob a folhagem ou abrem pacientemente tortuosas galerias no tronco que vae estalando.

O rouxinol tornou a cantar, timidamente, como um artista que receia ser interrompido. Desferiu algumas notas soltas, com angustiosos intervallos, como que entrecortados suspiros de amor. Depois, foi-se exaltando, pouco a pouco, ganhando confiança, e começou a cantar, acompanhado pelo murmuro das folhas agitadas pela brisa ligeira.

Embriagava-se com a propria voz, sentia-se arrastado pela vertigem dos seus trinados. Parecia vêr-se na escuridão, inchado, arquejante, ardente, com a febre do seu entusiasmo musical. Entregue a si mesmo, arrabatado pela beleza da sua voz, não ouvia nada, não se apercebia do incessante crepitar da selva, como se na sombra se travasse uma lucta, e dos bruscos movimentos dos juncos, agitados por mysteriosos espasmos, até que um duplo gemido brutal, profundo, como se fôra arrancado das entranhas de alguém que se sentisse morrer, fez emmudecer assustada a pobre ave.

Um longo silencio. Em baixo, despertavam os dois amantes estreitamente abraçados, ainda no extasis daquelle cantico de amor.

Leonor encostava a cabeça desgrenhada ao hombro de Raphael. Acariciava-lhe o pescoço com a respiração anhelante e fatigada, que lhe agitava o peito. Murmurava-lhe ao ouvido phrases incoherentes, ainda vibrantes da commoção.

Que feliz se sentia alli! Tudo convidava ao amor. Muitas vezes, no tempo em que lhe resistia, contemplando, á noite, da sua janella aquelle rio que serpenteava através da campina adormecida, tinha pensado com delicia em um passeio pelo immenso jardim, de braço dado com Raphael, ou em deslizar pelo Júcar, chegando até á ilha.

— O meu amor é já antigo — murmurava ao ouvido de Raphael. — Julgas que só te quero desde a ultima noite? Adoro-te, ha muito tempo, muito... Mas, não vá ficar orgulhoso com isso, o meu senhor!... Não sei como começou. Creio que foi quando estavas em Madrid. Ao ver-te novamente, comprehendí que estava perdida. Se resisti, então, é porque estava em meu juizo perfeito, porque via claro. Agora, estou louca, e por isso me abandonei de todo. Deus seja connosco... Mas, succeda o que succeder, queres-me sempre muito, Raphael? Jura que sempre has de querer-me. Seria uma crueldade fugir, depois de me teres despertado.

E apertava-se, com um certo terror, contra o peito de Raphael; mettia-lhe as mãos no cabello, deitava a cabeça para traz passeando-lhe a bocca ávida por toda a cara, beijando-o nos olhos, na fronte, na bocca, mordendo-lhe o nariz e o queixo, suavemente, mas com uma vehemencia carinhosa, que obrigava Raphael a uns ligeiros gritos.

— Tonta! — dizia-lhe, sorrindo. — Olha que me magôas!

Leonor olhava-o fixamente, com os seus grandes olhos, que brilhavam na sombra com o fulgor dos olhos de uma fera ciumenta.

— Devorava-te — murmurava ella com voz rouca, que parecia um rugido longinquo. Sinto desejos de te comer, meu céo, meu rei, meu deus... Que me deste, filho? Dize! Como pudeste enlouquecer-me, fazendo-me sentir o que eu nunca tinha sentido?

E de novo cahia sobre elle, agarrando-lhe a cabeça, apertando-lhe com furia, contra o peito, robusto e firme, em cuja nudez se perdia anhelante a bocca de Raphael, possuido tambem de uma avidez raivosa...

— Já não canta o rouxinol — dizia Raphael.

— Ambicioso! — respondia, sorrindo, o artista. — Já queres ouvil-o outra vez?...

Calaram-se ambos, estreitamente abraçados, formando um só corpo e deixando-se arrastar pelo ambiente de poesia de que a noite os rodeava...

Começaram a soar outra vez, entre as altas ramagens, as notas soltas, os queixumes ternos da ave solitaria, chamando o amor invisivel. E, familiarisada com os estranhos rumores que naquella noite povoavam a ilha, e que novamente lhe chegavam semelhando baforadas de longinquo incendio, lançou-se em uma correria louca de trinados, como se sentisse a instigal-a a voluptuosidade da noite e fosse morrer de fadiga, cahindo da arvore apenas o involucro de pennas, semelhante a um sacco vasio, depois de haver derramado o seu thesouro de notas...

Raphael estremeceu, nos braços da amante, como se despertasse.

— Deve ser tarde. Ha quantas horas estamos aqui?

— Sim, muito tarde — respondeu Leonor, com tristeza. — As horas de prazer caminham sempre a galope.

A escuridão era densa; a lua tinha desaparecido. De mãos dadas, guiando-se ás apalpadelas, chegaram á barca. E o chapinar dos remos começou a soar, rio acima, sobre a corrente negra...

O rouxinol cantava no salgueiro, melancolicamente, como que saudando uma illusão que se afasta...

— Repara, minha vida — disse Leonor. — O pobresito despede-se de nós. Ouve como elle nos diz adeus.

E, subitamente, no desalento da fadiga, enlanguescida por aquella noite de amor, sentia a chamma da arte a fazel-a estremecer, dos pés á cabeça.

Blasco Ibanez

Um homem da epoca de RAUL LELIS

Magro, pallido, quasi esqueletico, sempre sobraçando uma pasta vasia e vestido de azul, não ha quem o não conheça, ao menos de vista. O seu mistér, a sua vida feita á feição moderna impulsionada pela sêde de popularidade, pelo desejo de ser importante, é procurar os logares frequentados pelos que têm na sociedade um logar de destaque. Incapaz de se fazer por si, elle sequer fazer á sombra dos outros. E toma intimidades, faz cumprimentos, conta aos tolos que o cercam, ás vezes, casos intimos de grandes homens "com os quaes convive".

Um dia, na terceira classe de um vapor, o Silva chegou ao Rio. Elle mesmo não sabia a que vinha. Trazia na alma a crença firme de que se faria aqui, pelo espirito, o seu espirito acanhado e incapaz de conceber, já que o physico era inutil, incapaz de vencer uma tarefa. Lançou-se pela capital, inconsciente, esperançado na sorte. Trouxe, como todo o provinciano que se preza, cartas de apresentação aos politicos co-estadonns. Umas inutilidades, esses homens!...

Para o Silva, que vivia por ahi em longa espera, a precural-os na Camara, no Senado, nos Ministerios, a namorar com olhos parados a bôa situação dos outros, elles não foram mais do que fontes de promessas. E nesse ambiente, o rapaz acabou comprehendendo o que é a vida em uma capital, educou-se na escola de todos os que vencem com facilidade.

Poz-se a trabalhar na sombra, domesticando o organismo que se rebellava contra a fome, diminuida ás vezes por um café cuidadosamente arrancado a um novo amigo. Já-mais se queixou de não comer. Sempre, em conversa, reprovou a pessima forma de servir dos bons restaurantes do Rio.

Metteu-se nos jornaes. Nunca foi jornalista; aquelles, porém, que o viam nas redacções, conversando como se fôra de casa, ignorantes da sua inutilidade, tinham-no como tal.

Um dia, nas columnas dos diarios, o retrato d'elle appareceu, seguido de uma extensa noticia. Publicára um livro, uma monographia sobre uma grande personagem que começava a surgir, ligada a elementos dominantes da politica.

E' verdade que nunca o livro foi visto nas livrarias, mas o grande vulto recebeu, talvez, o unico volume da edição.

E dois dias depois, lá estava o Silva no palacio do homenageado, dando os primeiros passos para o pedido de uma collocação. O log veio. Mas pequenino, infimo, um modesto ordenado de duzentos e cincoenta mil réis em uma repartição pública.

Mesmo assim, pensou o Silva, era um pouco de caminho andado para a frente, já era com que attender á pensão que faltava muitas vezes.

Alli, entre os companheiros, homens prejudicados pela rotina burocratica, elle se foi cercando de um laurel de gloria, uma nomeada que creava, descrevendo sua vida de jornal

ta ardiloso. Procurou approximar-se do chefe como o cogumelo procura a sombra das arvores frondosas. Conquistou-lhe a amisade, com uma paciencia admiravel, com um meticuloso cuidadoso. E um dia, um sabbado, viu seus esforços premiados. O chefe convidou- a jantar em casa.

O Silva foi.

O engenheiro era viuvo e casára-se em segundas nupcias com uma bella senhora, tambem viuva, com uma filha. Ali, naquella moça, o rapaz pensou que talvez estivesse a porta do seu futuro e começou um cerco astucioso, paciente, como era tudo que fazia. Em pouco, a grande victoria estava ganha. O Silva jantava em casa do engenheiro duas vezes por semana e por lá passava todos os dias.

Certa vez, qua quinta-feira, teve uma surpresa ao entrar. Encontrou a casa em reboliço, os moveis fóra dos logares, malas espalhadas.

— Que é isso Ruth, estão de mudança?

— Ah! sr. Silva — disse a pobre moça a soluçar — aquelle desgraçado... se o senhor soubesse...

— Quem, Ruth? Que aconteceu?

— Bastos, aquelle infame, desgraçou minha filha, desgraçou-me!

— D. Ruth, que é isso?...

— A verdade, sr. Silva. Surpreendi-o hontem á noite quando voltei da rua.

— Onde está o dr. Bastos?

— Não sei, sahiu. Eu me vou embora.

O Silva pensou um momento e sahiu tambem. Correu á repartição. O engenheiro estava lá.

— Dr. Bastos — disse, — eu lhe quero falar.

Separados os dois, o rapaz falou, com voz lenta e baixa:

— Doutor, eu caso com sua enteada, se o senhor permittir.

— Mas... Silva... você não sabe, ha...

— Eu sei dr., Dona Ruth me falou, e é por isso justamente... Eu gosto de Martha e é preciso evitar o escandalo.

O engenheiro tomou-lhe a mão.

Obrigado, meu filho. Eu lhe saberei agradecer.

— "Que importa o resto? Antes do casamento estarei bem alto... é a victoria".

Casou-se, realmente, subiu. Dois dias depois do enlace chamaram-no para uma importante commissão no Ministerio.

A sorte mudou para o Silva. Descansado, ganhando o grosso ordenado que lhe rende o cargo actual, elle ainda é jornalista e literato.

Venturoso, agora, mais do que nunca frequenta intimamente a roda dos grandes homens da época.

E é commum vel-o na Avenida, á tarde, metido na sua roupa azul, sobraçando a pasta vasia, a cumprimentar com accento imponente os grandes homens que passam:

— Fulano, você como vae?...

Está chegando o verão!

Quereis uma leitura complementar do calor?

Lêde as obras do

—O autor mais alegre!—

—O humorista mais subtil!—

CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)

Da Academia Brasileira de Letras

O unico escriptor brasileiro cujas edições já alcançaram mais de 100.000 exemplares!

Volumes já publicados :

VALLE DE JOSAPHAT
18.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500

O TONEL DE DIOGENES
16.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500

A SERPENTE DE BRONZE
16.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500

GANSOS DO CAPITOLIO
17.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500

A BACIA DE PILATOS
12.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500

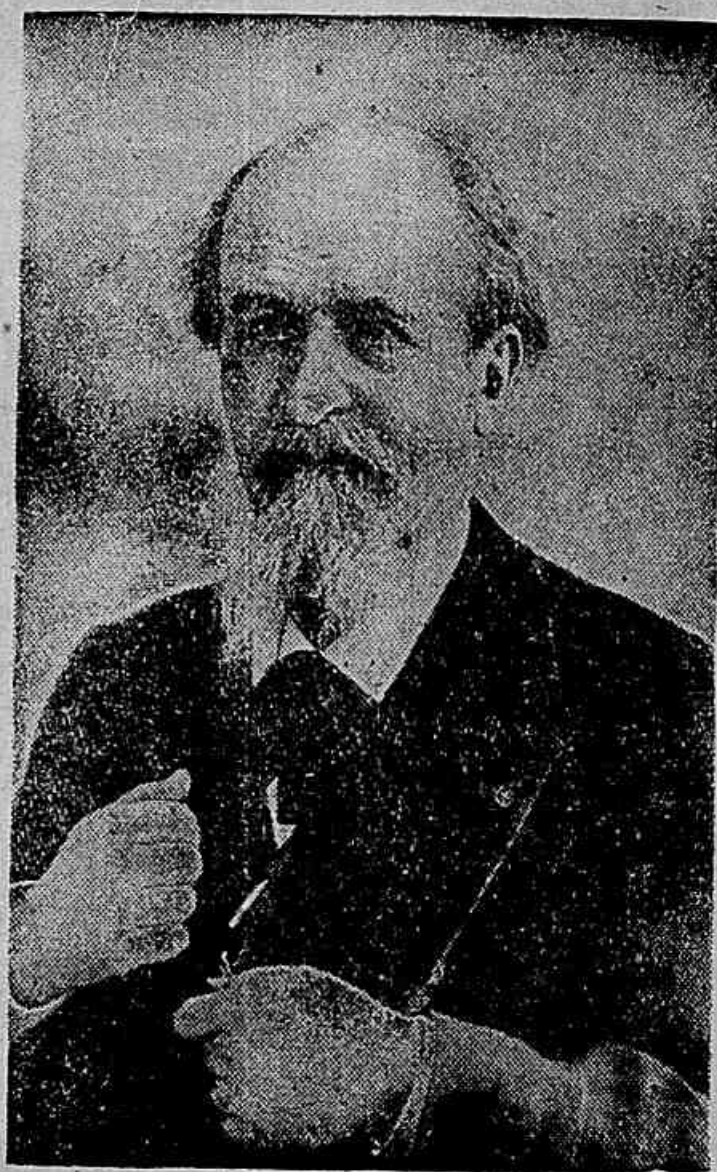
A FUNDA DE DAVID
6.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500

GRÃOS DE MOSTARDA
6.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500

POMBOS DE MAHOMET
6.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$000

ANTHOLOGIA DOS HUMORISTAS
GALANTES

6.º milheiro, br. 6\$, enc. 8\$000



Qualquer destes volumes contém 120 chronicas maliciosas e do mais fino espirito, e constituindo o melhor remedio contra a tristeza, e consequentemente, o melhor tonico para a alma.

PEDIDOS A LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Rua Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19

RIO DE JANEIRO



PARE!
E
OUÇA

o que diz
o emmen-
te Prof Dr
RUBIÃO
MEIRA
Attesto
que tenho
empregado
com frequencia
em minha clinica O

**Emplastro
PHENIX**

obtenho excelentes
resultados na **CURA**
RHEUMATISMO,
DORES nas COSTAS,
CONSTIPAÇÕES,
- etc - "

EXISTE HA 50 annos

EXIJA ESTA MARCA

Acaba de apparecer O Arco de Esopo

10.^o volume dos famosos contos

do

Conselheiro X. X.

Referentes ao anno de 1925

Pedidos á

== **Livraria Leite Ribeiro** ==

FREITAS BASTOS, SPICER & Cia.

Rua 13 de Maio, 74 e 76

RIO DE JANEIRO